

## **A HORA DO CONTO - Oficina de contação de Histórias em um CAPS Infantojuvenil.**

### **1 INTRODUÇÃO**

A contação de histórias é um dos meios mais antigos de interação humana usada por meio da linguagem para transmitir conhecimentos, estimular a imaginação, a fantasia, empregada também para trazer valores morais, disciplinar e, nas sociedades letradas, é usada para desenvolver o interesse pela leitura.

Contar histórias é uma forma de humanizar as relações e formar laços, ações que percebe-se, por exemplo, ao ver a presença das narrações em todas as épocas e culturas, produzindo e modulando afetos, percepções e ideias.

Já o ato de ler é um exercício de indagação, reflexão crítica, de entendimento muito além da captação de informações e conteúdos. Permite-nos um outro modo de apropriação do mundo e uma outra experiência de formação de nossos próprios conceitos, explicações e entendimentos sobre a realidade.

A leitura contribui para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo tanto do indivíduo na fase infantil quanto nas fases seguintes a esta. E para fins deste trabalho, destacaremos a função social enfatizada na comunicação entre pessoas.

Ao estimular crianças e adolescentes através da leitura e contação de histórias, terão momentos em que criarão suas histórias e desenvolverão a imaginação, criatividade, interpretação de imagens e textos, oralidade, estimular o gosto pela leitura, mas principalmente estimular ao protagonismo social e juvenil assim como autonomia e bem estar emocional.

Nos últimos anos, tenho vivenciado a prática dentro do serviço CAPSi como Psicopedagoga e observando a importância do estímulo a leitura em ambientes não escolares. Por se tratar o CAPS de um equipamento de saúde com demanda específica para clínica infantojuvenil, e que trazem prejuízos no processo de aprendizagem o que inclui déficit de concentração que por sua vez pode ser facilmente trabalhado durante as atividades de contação de histórias e dessa forma contribuir significativamente para o progresso educacional e promoção de autonomia e estímulo ao protagonismo do usuário em sua vida social como um todo.

Sendo os CAPS equipamentos que desempenham função estratégica na rede de cuidado ofertadas ao sujeito em sofrimento psíquico ou transtorno mental grave, severo e persistente, estes equipamentos passam a ser grandes incentivadores para transformações de práticas, saberes, valores culturais e sociais e que buscam, entre outras bandeiras, remodelar a assistência em saúde mental por se empenhar na redução quanto a necessidades de internações psiquiátricas ao mesmo tempo em ofertar uma rede de atendimento extra-hospitalar na comunidade de origem para as pessoas com transtorno mental por garantir acolhimento e atenção preservando os laços sociais do usuário em seu próprio território.

Ao longo desses anos, muitas experiências exitosas foram reunidas, muitos enfrentamentos são feitos no sentido de ampliar as possibilidades de vida. Todavia, essa proposta não pode descansar em seus potenciais de indagação, sob pena de perder a sua potência transformadora.

Mais do que reformar, agora há que sustentar a capacidade crítica de avaliação de nossas próprias práticas, não para massacrá-las ou criar uma perseguição perpétua a nós mesmos. Como encher os serviços de vida? Fazer circular a vida em

meio as propostas de intervenções técnicas, sem dominá-las, mas deixando que ela possa se misturar com o mundo, já que era esse o pilar dos movimentos da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial.

“... Este é o momento em que a prática da manhã, dos dias, se recolhem as ideias e se reflete sobre o que estamos fazendo.” (Amarante, Paulo; Brasil, Leandra – Saúde Mental, formação e Crítica. Pag. 62)

Início este escrito com a citação acima, justamente porque nesse momento, enquanto promotora de cuidado me coloco a questionar sobre o meu saber e o meu fazer. Entendo que é de grande importância a compreensão acerca de conhecimentos históricos e sociais que levaram a reformulação de um modelo de cuidado, mediante isso, me vejo debruçada em literaturas em busca de embasamento para esta prática que hoje vivo, pois como contribuirei para o fortalecimento e efetivação desse periférico modelo de cuidado se não o entendo? Como surgiu tal modelo? E o que espera?

Deste modo, coloco-me a descrever como bases bibliográficas um breve recorte histórico desse movimento que questiona a eficácia da institucionalização como método de cuidado a pessoas portadoras de transtorno mental, partindo para a contextualização de certos direcionamentos das políticas públicas de saúde mental na atualidade, a qual inclui a atenção aos problemas relacionados ao uso e abuso de drogas. Posteriormente, circunscrevo uma proposta de intervenção pensada para o CAPS no qual trabalho, tentando esboçar como poderia ser construída uma oficina de contação de história e leitura, que pudesse ativar protagonismo e autonomia nos usuários, técnicos e no fazer cotidiano dos serviços.

## 2 JUSTIFICATIVA

O Ato de ouvir histórias desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Até os adultos amam ouvir uma boa história ou um bom caso.

É importante contar história mesmo que para crianças que já sabem ler. Quando pessoas maiores ouvem histórias aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que ouvi-las pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. Em pleno avanço constante da tecnologia, onde as informações estão tão prontas, a criança ou adolescente que não tiver oportunidade de alimentar seu imaginário poderá perder seu poder de avaliação crítica, criatividade, sensibilidade e até compreensão da realidade.

Devido às constantes mudanças que vêm ocorrendo na educação tanto brasileira quanto em todo o mundo, acentua-se uma grande questão em torno da integralidade do indivíduo, no sentido questionar o quanto ele estaria preparado para a vida como autônomo, crítico e consciente de seu papel enquanto cidadão. Sabendo interpretar automaticamente acontece o ato de criticar e se colocar perante a sociedade de forma consciente.

**Se é possível obter água cavando o chão, se é possível enfeitar a casa, se é possível crer desta ou daquela forma, se é possível nos defender do frio, do calor, se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens, se é possível mudar o mundo que na fizemos, o da natureza, por que não mudar o mundo que fizemos, o da cultura, o a história, o da política. (FREIRE, 2000, P.98).**

De acordo com o pensamento de Paulo Freire, a consciência crítica busca, entre outras coisas, desenvolver uma competência democrática, explicitando que tal competência necessita de conhecimento para ser exercida. Não apenas do conhecimento formal, mas a sua articulação entre as diversas formas de conhecimento, inclusive, o conhecimento a respeito da sua própria condição humana.

Sendo fiel a essa premissa, busquei como fio condutor o conhecimento a respeito da construção social desse papel de técnica num serviço de Saúde Mental, tipo CAPS. E ao habitar esse lugar, ao estudar a respeito da gênese desse fazer, comecei a considerar ainda mais o papel da cultura, da história e da política nesses espaços.

Entendendo a potência desses serviços ditos substitutivos, passei a perceber que o espaço das oficinas de leitura poderia ganhar vida, introduzindo experimentações que favorecessem essa abertura para composição de novos mundos, da possibilidade de aprendizagem em relação.

As experiências de contação e de leitura podem ser atividades ricas, justamente quando a colocação das dores, dos problemas vividos, das situações ordinárias são matéria para a composição de outros caminhos menos solitários, ampliados em seu sentidos, ou seja, quando eles retornam ao coletivo.

Em uma única experiência, histórias são contadas, vividas e, de repente, recontadas e vividas em novos modos, na mesma proporção. Muda-se o tempo, o personagem e, talvez, o cenário, mas os afetos humanos circulam e podem ser tocados.

Por esse canal é possível se ver através de outros olhos, cria-se então um campo fértil para o surgimento de diálogos críticos e transformadores. E é por isso que apostamos nesse espaço como vaso suportivo para essa experiência de afetação e criação de outros modos de cuidar, de trabalhar e de viver.

### **3 A HORA DO CONTO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

**“É preciso que estejamos juntos para sermos livres. Ninguém pode ser livre sozinho, ninguém pode ser livre se não tem a finalidade comum com os demais.” (AMARANTE, Paulo; BRASIL, Leandra –. Saúde Mental Formação e Crítica. Rio de Janeiro: Laps, 2015,p.42.**

Vivenciar ou mesmo se transportar, sentir-se parte das histórias narradas ou inventadas por outros, ler um livro, um conto ou um gibi, assistir um filme, uma peça teatral e ouvir uma música, permite ao ser humano experimentar vivências, sensações e até mesmo emoções talvez antes não sentidas ou despertadas. Pensar sobre a própria existência, entender e aceitar o outro, o que envolve aceitar as histórias, as experiências, as diferentes formas de ver e viver a vida.

O ato de contar e ouvir histórias torna-se terapêutico a partir da valorização das narrativas e estímulo a capacidade de fabulação. A prática da contação move os usuários participantes, fazendo com que eles se comuniquem espontaneamente. Essa característica nos leva a entender a contação como uma possível abertura para que o usuário se ponha em diálogo com a equipe técnica, permitindo a compreensão dos conceitos de vida diária de ambos os envolvidos na atividade. Trata-se portanto de uma atividade grupal que prioriza toda e qualquer narrativa trazida pelo usuário inserido na atividade.

E por falar em diálogo e criticidade, podemos recorrer ao saudoso Paulo Freire (1987), fascinante educador que apostava no diálogo como ferramenta essencial de criação de uma consciência crítica e libertária. Diz ele:

**“Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes”**

Adotamos portanto uma metodologia que promova o debate entre o homem e a cultura, o homem e seus medos, suas angústias, entre o homem e o trabalho, enfim entre o homem e o mundo em que vive, idealiza e deseja. Para FREIRE, o dialogo pode ser visto como uma ferramenta pedagógica de grandes efeitos.

Por isso, a Oficina pretende ser o lugar para que eles tragam sua linguagem, sua realidade e o seu verdadeiro eu. Aqui a sociedade não os calam, não os marginalizam não os excluem. Aqui terão voz, vez, fala e serão ouvidos. Este será um espaço de acolhimento e abraços e para isto não necessitamos de técnicas ou regras. Necessitamos de apenas corações e afetos. E em se tratando de afeto, este não pode faltar, pois é ele a nossa ferramenta mais potente no cuidado e promoção em bem estar mental e emocional.

Deste modo, detalharemos melhor a proposta de intervenção formulada para a Oficina a Hora do Conto.

## **4 Objetivos**

### **a) Gerais:**

Estimular o gosto pela leitura ao mesmo tempo em que fortalecemos o vínculo entre usuários e equipe técnica do serviço CAPSi Dona Ivone Lara por ampliar ofertas de espaços para acolhimento dentro do serviço através da oficina de contação de histórias e relatos.

### **b) Específicos:**

1. Estimular o hábito pela leitura;
2. Proporcionar situações de leitura compartilhada
3. Estreitar o vínculo entre usuários e técnicos;
4. aproximar os usuários do universo da leitura
5. Enriquecer e ampliar o vocabulário
6. proporcionar situações de leitura compartilhada;
7. Permitir a livre expressão;
8. desenvolver senso crítico e criatividade;
9. Fomentar discursões e debates sociais;
10. despertar o prazer pela auto expressão
11. Estimular o protagonismo social

## **5 METODOLOGIA**

Pensado como dispositivo estratégico, ele se destina a crianças e adolescentes que apresentem demanda e/ ou inseridos no CAPSi Dona Ivone Lara e com faixa etária

compatível conforme demanda deste equipamento.. Para os inseridos, e traçado PTS (Projeto Terapêutico Singular), o técnico de referência com a equipe técnica, poderá discutir a inserção do usuário na atividade. A oferta pode ser estendida ainda para adolescentes tutelados e /ou abrigados como proposta de matriciamento.

O grupo ocorrerá semanalmente, em dois turnos (manhã e tarde) com 60 minutos aproximadamente de duração tendo em média de 10 a 12 participantes de ambos os sexos para cada turno.

Ele será mediado por uma psicopedagoga e uma oficinaira ou outro profissional da equipe técnica. A atividade será realizada em 4 etapas. Iniciaremos com: 1) acolhimento de grupo: realizaremos apresentações dos participantes de forma não formal. Serão utilizadas músicas de fundo, objetivando aquecer e preparar o grupo para um trabalho coletivo e interativo. Após, este momento, daremos início a etapa: 2) atividades com objetivo de promover o aprimoramento do contar histórias. Essas atividades compreendem exercícios de expressão corporal, de fala, de compreensão de histórias, de elaboração de narrativas, de integração grupal, de ensaio para apresentação do contar histórias e ações afins. Após essa fase, passamos à terceira etapa: 3) momento do contar histórias. Serão estimuladas participação voluntárias. Para motivação dos usuários, um dos mediadores do grupo dará início a contação.

O que também poderá envolver alternativo a contação, exibições de filmes, curtas, vídeos, músicas, cartas e artigos de jornais e revistas. Em seguida, o espaço é aberto a participação de todos sem indicação, estarão livres para decidam a forma de contar e o tipo de conto. O que poderá ser apresentado inclusive em forma de literaturas, músicas e poesias. A sessão encerra-se com a quarta etapa: 4) reflexão sobre a atividade e produção artística sobre a mesma, onde se expresse qual a mensagem, percepção ou sentimento apreendidos durante a execução pelos mesmos o que inclui criação de desenhos, pinturas, escrita de relatos sobre a vivencias e poesia, Também poderá ser realizada colagens de recortes de revistas e jornais e cantoria da músicas, possibilitando fazer aplicações para as suas realidades.

É importante mencionar que embora tenham sido traçadas etapas para o acontecimento desta oficina, a mesma não está atrelada a regras e normas. Dessa forma a depender do desejo e necessidade do grupo, estas etapas poderão ser alteradas quanto a ordem e descrição.

A compreensão que buscamos nesta proposta, ao assumir a postura de se trabalhar no CAPS i Dona Ivone Lara com a contação de histórias e a concepção de convivência de uma compreensão da experiência vivida, gestada na concepção Freiriana e não somente de caráter teórico e prévio. Assim, ao estarmos atentos às expressões dos usuários, que vivenciam uma situação de aprendizagem narrada, buscamos por essas compreensões que se dão no momento vivido, e não por conceitos prévios estabelecidos

As histórias e fábulas abordam geralmente temas como agressividade, limites, valores e autocontrole, dessa forma os benefícios oferecidos pela leitura tais como favorecer ao rendimento escolar, desenvolver o seu senso crítico, e acima de tudo a trabalhar as dificuldades no que se refere aos sentimentos e emoções. E é com esse objetivo de não só promover benefícios psicológicos a usuários de saúde mental infantojuvenil e proporcionar a inclusão social dessas pessoas que na maioria das vezes se encontram em situação de exclusão. Os profissionais técnicos envolvidos na atividade poderão com demais integrantes da equipe técnica do serviço CAPSi Dona Ivone Lara elaborar e planejar quais as histórias ou contos que serão trabalhados naquela semana, qual a temática e os recursos necessários e apropriados para cada

momento, pois levando em consideração que a maioria dos usuários que frequentam o serviço, alteram com frequência seus dias de inserção ou PTS (Projeto Terapêutico Singular) e para contemplar especialmente os que se encontrarem em situação de privação de liberdade ou abrigados, dessa forma serão selecionados materiais que contemplem as necessidades emocionais, culturais, psíquicas e morais para este público que acessa o nosso serviço.

## 6. RECURSOS

Os recursos utilizados, portanto, são livros de literatura e clássicos infantis (ou não), Romances, cartas, documentários, matérias de revistas, material eletrônico, cartazes, fantoches, objetos, músicas, DVDs, filmes, curtas, elementos verbais e corporais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prazer pela leitura deve ser estimulado desde as mais tenras idades, para tanto é essencial associar esta prática a atividades lúdicas, que despertem a curiosidade, assim, a contação de histórias constitui-se em importante recurso para este fim. Então podemos checar que é possível estabelecer um vínculo de prazer ao ato de ler.

Embora seja a escola o principal espaço responsável para a formação de leitores, onde encontramos educadores que desempenham função de mediador de uma prática educativa construtiva e criativa, não precisa ser apenas neste de educação formal o único local a promover uma prática educativa, reflexiva e que estimule o gosto pela leitura, assim como um raciocínio crítico.

Este projeto de atividade demonstra que é possível associar leitura e prazer, além de mostrar a necessidade de diversificar as oficinas ofertadas aos usuários de forma a estimular e priorizar um bom vínculo e interação entre equipe técnica e usuários do serviço CAPSi Dona Ivone Lara.

É bom saber que uma história bem contada surpreende as pessoas, tem o poder de quebrar a rotina e trazer a magia à tona; estimula a criatividade, rompe barreiras, desvenda mistérios, abre portas e pode ser tão especial e marcante para o ouvinte que influencia na sua maneira de pensar e agir e transformar o mundo.

Que eu possa sempre avaliar o meu querer e o meu fazer nesses equipamentos, pois enquanto profissional promotor de saúde mental deve permanecer em mim o desejo de seguir em frente acreditando em um modelo de cuidado humano, livre e sensível. Que eu nunca descredite e que eu nunca desista.

**“Sabe tia, hoje eu não tô bem. Não aguento mais minha tia jogar na minha cara por que como da comida dela e moro na casa dela. Eu venho pro CAPS pra sair daquele inferno. Aqui eu descansando a mente!” (Gileilson, 18 anos)**

**“Eu desejo que o CAPS nunca acabe! Obrigado pelo que vocês fazem por nós! (Wendel Luciano)”**

**“Aqui é bom. Aqui ninguém julga a gente. A gente tem com quem conversar, o lanche é bom e até dá pra tirar um cochilo sem se preocupar se alguém vai fazer algum mal!” (Thalisson Davi).**

Falas como estas são combustíveis que alimentam e impulsionam a minha prática. Um fazer sempre inspirado numa engenhosa afirmação de VALLADARES (2004) onde sugere que precisamos:

**“Tomar o sujeito como único é fundamento para conseguirmos compreender seu sofrimento e suas necessidades, movimento possível àqueles que apostam na sensibilidade como instrumento básico na relação e no cuidado humano”.**

Não é fácil manter-se firme e militar pela Reforma Psiquiátrica sem estar sentido essa paixão. Tomada pelo sentir, sofro os efeitos dessa clínica no corpo, pois em quase uma década e meia de trabalho com promoção de bem estar psíquico e reinserção social, deparo-me com inúmeras dificuldades atreladas aos serviços substitutivos e clínica infantojuvenil, porém algo me faz seguir em frente: o desejo de corresponder às expectativas e necessidades dos usuários que aqui chegam. Procuro me manter com “uma atitude alerta de reconstrução diária do modo de ver, sentir, encarar e tratar

[...]”exatamente como descreve Ana Claudia Afonso Valadares (apud VALLADARES, 2004, p.78)

Abrir espaço para que essas narrativas sejam criadas e recriadas a partir da voz dos usuários, de seus anseios, dores e desejos, deixar que a vida invada os corpos e restitua a força criadora, tantas vezes sufocada. Afirmar a força e legitimidade dessas vozes, que não querem ser caladas e que carregam em suas vidas o peso da exclusão de não se encaixar a um determinado comportamento ou diagnóstico..

Conecto-me visceralmente com esse lugar dos que ‘não se encaixam’ em nossa sociedade. Colaborar com o movimento que amplia a visão para que os transtornos mentais, assim como usuários de álcool, crack e outras drogas existem em sua humanidade e precisam de cuidado em saúde com intervenções medicamentosas ou não, eis o que me toma e faz com que possa apostar nesse modo de cuidar pelo vínculo, na horizontalidade dos encontros e na defesa dos direitos humanos.

Penso e acredito que este é o lugar certo. Um dispositivo alternativo ideal para o tratamento desses seres com vidas pulsantes, não só por estar de acordo com a reforma psiquiátrica, mas por oferecem um suporte para quem precisa de atenção e cuidado singular. Porque cuidar não só medicalizar, mas dar direito a um tratamento com assistência, com a atenção e reinserção social. Ou seja, junto com uma equipe interdisciplinar e um olhar para dentro e ao redor de cada sujeito. Ofertar ajuda e impulsionamento para que essas vidas continuem exercendo seu direito de cidadania, afirmando a liberdade de ir e vir e ser, respeitando os princípios constitucionais, que são base para os princípios do SUS!

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Paulo (Coord.). Loucos pela Vida: A trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil. / Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

AMARANTE, Paulo (org). Saúde Mental Formação e Crítica. /Organizado por Paulo Amarante e Leandra Brasil da Cruz - Rio de Janeiro: Laps, 2015.

AROUCA, Sergio. **Reforma Sanitária.** Disponível em <<https://pensesus.fiocruz.br/reforma-sanitaria>> Acesso em 03 Nov,2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília – DF, 2004.

EM nome da razão. Direção: [Helvecio Ratton](#). São Paulo: Grupo Novo de Cinema e Associação Mineira de Saúde Mental, 1979 [produção]. 1 filme (25 min), 35 mm, p&b. Disponível em < <http://www.dailymotion.com/video/x1hjp4b>>. Acesso em 06 Nov.2017.

FIGUEIREDO, A. C. **Psicanálise e atenção psicossocial: clínica e intervenção no cotidiano.** In: **Psicanálise e intervenções Sociais.** Porto Alegre: APOA, 2011.

FREIRE, Paulo. A Importância do ato de Ler: em três artigos que se completam. 45 ed. São Paulo. Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outras escritas.4 reimpressão. São Paulo: Unesp,2000.

FREIRE, Paulo. A Importância do ato de Ler: em três artigos que se completam. 23 ed.São Paulo. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 63 ed. Rio de Janeiro-São Paulo. Paz e Terra. 2017

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17º ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.

RAUTER, Cistina. **Oficinas para quê. Uma proposta ético-política para oficinas terapêuticas.** In: AMARANTE, Paulo. Ensaio: Subjetividade, saúde mental, sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo, Abril. 2012. Disponível em < <https://novaescola.org.br/>> Acesso em 23 out 2017.

SILVA, Tarcísio Bruno Santos. Projeto: A Arte de Contar Histórias como Recurso de Incentivo à Leitura. Universidade Federal de Sergipe, 2009.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Projeto: Linguagem, Arte e Educação.** Universidade Federal de Sergipe, 2008.

SONHOS Tropicais. Direção: André Sturm. São Paulo: André Sturm, 2002 [produção]. 1 filme (120 min), 35 mm, p&b. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fieH3FqzrZ0>>. Acesso em 06 Nov.2017.

VALLADARES, Ana. **Arteterapia no novo paradigma de Atenção em Saúde Mental.** São Paulo: Vetor, 2004.